

# BRASÍLIA 79

## o curta metragem

O recente processo político desencadeado pelo Governo foi o responsável pelo clima reinante no XII Festival de Brasília, o *Festival da Abertura*. Filmes proibidos há mais de dez anos e filmes recentes com temas agora liberados (como greves, frigidez sexual, Lamarca, etc.) foram vistos por uma platéia composta basicamente por estudantes da Universidade local. Com os novos tempos, reacende-se uma velha discussão. Deve haver premiação ou o Festival deve ser uma mostra da produção brasileira de filmes? À primeira vista, a segunda opção parece ser a mais democrática com a ausência de competição e da conotação agressiva que a palavra contém, mas a experiência mostra que isso não é tudo. Brasília 79 chegou a lembrar (guardadas as devidas proporções, é claro) o Festival de Veneza de 1968 quando Godard, pendurado nas cortinas do Palácio, exigiu o fim da competição e a morte do Leão de Ouro. Eram os tempos das rebeliões de estudantes e, por um instante, pareceu que o próprio poder seria tomado. Como se sabe, não foi bem isso que aconteceu, a barra era um pouco mais pesada do que parecia e o Festival de Veneza, transformado em mostra, morreu. É claro que isso também não é um dado definitivo e dizem até que, agora em 79, Veneza deu provas de que estava apenas hibernando e apresentou uma mostra de bom nível. Na verdade é tudo questão de uma escolha adequada, ou seja, o problema não está na competição em si, mas na própria capacidade de escolha das comissões envolvidas. Uma boa comissão organiza uma boa mostra ou um bom festival competitivo. Se a competição desune e acirra os ânimos, uma mostra corre o risco de se tornar apenas uma sucessão de filmes semelhantes, cuja própria seleção implicaria num outro tipo de competição. Exigir o fim da premiação é dar a ela uma importância que não tem, e é claro que os filmes escolhidos por um grupo não são necessariamente os melhores, qualquer que seja esse grupo. Apenas é possível imaginar um festival de cinema brasileiro na mesma Brasília, no mesmo Hotel Nacional, na mesma piscina, com a mesma competição, com o mesmo corpo, enfim, mas com outra cabeça.

### OS 16 MM EM COMPETIÇÃO

A visão dos seis curtas-metragens participantes da mostra competitiva em 16 mm reafirmou uma condição singular e própria à bitola 16: a extrema maleabilidade da filmagem choca-se com a precariedade da exibição, e o resultado é que a segunda anula as vantagens da primeira. Todos os seis filmes são realizados em cima de depoimentos (coincidência ou tendência?) e têm necessidade vital de uma projeção perfeita para serem bem aproveitados; mas projeção perfeita em 16 não existe nem nunca existiu e acho até que os projetores 16 mm tendem a desaparecer à medida em que entramos na era dos cassetes e telões. É bom lembrar que a mística do 16 mm e o seu lado revolucionário existiam apenas enquanto contrapostos à bitola 35, e que a imagem colorida e de bom nível na televisão é uma coisa de cinco anos para cá. As únicas vantagens do 16 eram a possibilidade das projeções domésticas (cinema em casa!) e a capacidade de levar filmes a locais sem cinemas, a praças públicas, etc. e ambas são superadas pelos

cassetes em funcionalidade, qualidade de projeção, desgaste de cópias, etc. O que permanecerá na bitola 16 é o equipamento de filmagem direta que permite, por exemplo, aos filmes em 16 de Brasília possuírem uma garra ausente na maioria dos curtas em 35 mm. *Minha Vida, Nossa Luta* de Suzana Amaral é um bom exemplo de filme de depoimentos e principalmente da capacidade do cinema em "cumprir uma função". Mulheres humildes, vizinhas nas dificuldades de sobrevivência, aprendem a se reunir e a se organizar na busca de soluções para seus problemas. É um filme que dá a sensação de que só se realizará plenamente quando exibido para a platéia a que foi destinado, ou seja, mulheres em situação idêntica à do filme que, através dele, tomariam consciência de seus problemas e da possibilidade de soluções. O filme é particularmente feliz na relação que estabelece com as entrevistadas, principalmente com a líder e organizadora da ação, cujos passos o filme segue com especial cuidado. *Mangue* de Célia Rezende foi o outro filme de mulher presente ao Festival. Também aqui são as mulheres focalizadas mas a prostituição em que vivem exigiu da diretora uma aproximação mais difícil que no filme de Suzana, onde diretora e entrevistada funcionam como companheiras de uma mesma luta e isso é reconhecido pelas duas partes em questão. No filme de Célia, ao contrário, a entrevistada sente-se, de início, em oposição à diretora, moça, bonita e da Zona Sul e o mérito de Célia foi superar mais essa dificuldade e fazer um filme de emoção e esforço. Dois filmes ligam-se mais diretamente à abertura política: *Anistia* de Agnaldo Siri Azevedo e *Trabalhadores, Presente* de João Baptista de Andrade. Não pude ver o filme de Siri mas o de João Baptista, que segue com impressionante mobilidade as diversas etapas de uma greve, é ainda um bom exemplo da qualidade e da necessidade da bitola 16. *MAM, SOS* de Walter Carvalho nos trouxe de volta, com sua exibição, as imagens marcantes (e bem filmadas) do Museu destruído pelo fogo. Se para os artistas plásticos a ligação com o MAM é óbvia, para os cineastas ela é também muito forte pois a Cinemateca sempre foi um espaço democraticamente aberto a todas as pessoas de cinema. Finalmente *Tigresa* de Wilson Rodrigues de Barros marcou sua presença por ser um filme diferente de todos os outros apresentados. Lembrou os filmes dos primeiros festivais de cinema amador JB-Mesbla o que, se para uns pode ser um sinal de deficiência, para mim é um elogio e indício de inquietação.

### OS CURTAS EM 35 MM

Com a lei do curta, a viabilidade de um filme passou do terreno do possível para o do provável. Antes era quase impossível recuperar o dinheiro investido em filme curto, havia uma lei inócua que ninguém cumpria e só o Jean Manzon ganhava dinheiro. Agora estamos no terreno do provável pois, apesar de tudo mais que sacramentado, nada pode ser ainda considerado certo já que a infinita sucessão de obstruções de toda a ordem como mandatos de segurança, liminares, mutretas, etc., impede que a operação prevista se realize normalmente. A lei foi conquistada com esforço mas talvez não esteja redigida adequadamente, caso contrário os inimigos não



Cláudio Cavalcanti em *Vereda Tropical*, episódio de Joaquim Pedro de Andrade no filme *Contos Eróticos* - 1977

encontrariam as inúmeras brechas existentes. No caminho do possível ao provável, muitos aventureiros se incorporaram à caravana. Antes, o curta era uma busca de uma primeira intimidade com o cinema e hoje é quase uma profissão. Apesar disso é curioso observar que o número de inscrições de curtas em 35 mm para esse Festival de Brasília foi praticamente igual (pouco mais de 90) ao do 1.º Festival Brasileiro de Curta Metragem realizado no Rio, em março de 1971, com a presença do mesmo Jean Rouch (que aliás, coitado, no percurso de um a outro passou de Presidente do Júri a "espião da CIA"). E como a produção atual é seguramente maior que a daquele ano, deduz-se matematicamente que a diferença é a produção picareta que antes não existia por não haver objeto a picaretear, isto é, renda a dividir. E já que todos os curtas são iguais perante a Distribuidora da Embrafilme, sugiro:

Que a Embrafilme adquira os direitos de contratipagem da melhor parcela da produção nacional através de seu Departamento do Filme Cultural, numa operação simultânea ao avanço sobre a bilheteria e comum ao próprio Departamento, necessitando apenas ser reativada. Com isso teríamos a um só tempo:

- 1 - Enriquecimento significativo do acervo de filmes do DFC, sem os custos faraônicos de produções próprias.
- 2 - Desestímulo ao picareta na medida em que o avanço garantido representaria apenas uma pequena parte do total que receberia um filme não-picareta.
- 3 - Fortalecimento da produção independente, da produção de boa qualidade e finalmente da produção *que existe*.

Concorri no Festival com meu curta *A Nelson Rodrigues* mas só cheguei a Brasília no dia de sua exibição, na terça-feira, não podendo, por isso, assistir aos dois curtas em 35 mm da sessão de abertura. *Itaúnas, Desastre Ecológico* de Orlando Bonfim, neto (que ganhou o Festival) e *Interior das Minas - As memórias do Dr. Lund* de José de Barros. Não acho que se possa falar em queda de nível de qualidade em relação aos curtas, já que Brasília 79 não foi melhor nem pior que os outros festivais. É só lembrarmos da quantidade de picaretagens presentes (e premiadas) nos 11 primeiros Festivais de Brasília, que começamos até a descobrir qualidades nessa 12ª mostra que, talvez, nem existam. Aqui, pelo menos, tinha de tudo: literatura, alguma ecologia, um pouco de artes plásticas, bastante política, uma pitada de futebol, etc. Gostei especialmente de *Maysa*, filme sobre a cantora realizado por seu filho Jayme Monjardim Matarazzo. É um filme simples, realizado em cima de um excelente material de arquivo (as cenas do casamento de Maysa e a sociedade paulista da época) e que transmite uma emoção particular, fruto certamente da ligação de Jayme com Maysa. Isso dá ao filme uma cara bastante simpática e o resultado final é um curta que se assiste

com prazer e interesse. O público estudantil tinha, é claro, suas conhecidas preferências mas como as tarefas estavam canalizadas para a competição dos longas, a visão dos curtas tinha um certo descompromisso que resultava em reações um tanto inesperadas. Assim, o filme mais aplaudido foi *Celacanto Provoca Lerfá-Mu* de Pedro Camargo, uma brincadeira bem-humorada a que, normalmente, os estudantes não se permitiriam, enquanto *Salvador 71* de Nick Zarvos e Sindoval Aguiar teve uma recepção um tanto fria talvez porque os estudantes não tivessem, nos 7 minutos de projeção, reconhecido a autoria da carta lida pelo narrador do filme. *Scliar* é uma homenagem de Ruy Santos a seu velho amigo e é exatamente a imagem dos dois juntos, vistos de longe, a que me ficou na memória. *A Fiel* de Lael Rodrigues me trouxe de volta à lembrança aquele negro fim de semana em que a torcida do Corinthians invadiu o Rio de Janeiro para assistir a um final com o Fluminense, no Maracanã. Nunca se viu por aqui tamanha demonstração de boçalidade e a convivência disso com o fino espírito, também paulista, de um Mário ou de um Oswald de Andrade é um dos mistérios de São Paulo a que os cariocas não têm acesso. *Taim* de Lyonel Lucini, é um filme ecológico com belas imagens, mas ganharia muito com uma montagem mais rigorosa. Não sei se se trata de um primeiro filme, mas essa obsessão em não cortar é típica de uma estréia. *As Paralelas* de Sérgio Santos é um filme feito com grande equipe e bons recursos técnicos mas talvez um roteiro pouco elaborado e a ausência de diálogos tenham prejudicado um pouco o resultado final. Seu grande mérito foi o de ter sido o único filme de ficção presente à competição. Finalmente, *Ofício de Pintor*, de Américo Marques da Costa, é um filme paulista com cheiro de agência de publicidade e uma boa montagem, e *A Bela Adormecida Entrada Numa Só-Sombra* de Marcelo Tassara foi, sem dúvida, o maior miúda do festival, o que, também, é mais elogio que crítica.

#### VEREDA TROPICAL

Não poderia abordar o curta-metragem em Brasília-79 sem falar do filme de Joaquim Pedro inserido nos *Contos Eróticos*, participante da competição de longas. *Vereda Tropical* é uma pequena obra-prima que passou praticamente despercebida em meio às atenções unidirecionais do público estudantil e júri de premiação. Tachado de pornofilme (dentro de um "Pornoal"...) pelos desinformados jornalistas brasileiros, é exatamente aí que o filme surpreende pela primeira vez: sua platéia ideal seria, talvez, as crianças do curso ginásial que, certamente, iriam adorar as "molecagens" reveladoras das conversas dos dois personagens e saberiam apreender tudo através do filtro do humor, sem traumas ou problemas. Todos nós, aliás, somos pegos pelo pé com a tranquilidade com que Joaquim, logo de cara, filma a cena da melancia; é como se ele abrisse, de repente, a cortina e você visse que, afinal de contas, tudo pode ser levado no humor e que o diabo não era assim tão feio. O censor, ao invés de proibir, deveria ter pedido demissão depois de ver o filme já que sem as cortinas, agora arriadas, seu trabalho não tem mais sentido por não ter objeto próprio. Imagino que, em Veneza, os europeus devem ter adorado conhecer, finalmente, um povo até então desconhecido. *Vereda Tropical* é o órgão genital de *Macunaima* e Joaquim não fez mais do que enfiar o pé na brecha agora aberta. E é curioso como uma história singela e até certo ponto desinteressante pode explodir num filme tão revelador. O trabalho de Cláudio Cavalcanti é de uma inteligência insuspeita e seu personagem é, talvez, mais próximo do homem brasileiro que o Paulo José do filme longo. Foi, sem dúvida alguma, o melhor filme do festival e uma injeção de vitalidade de que o cinema brasileiro há muito necessitava.

Haroldo Marinho Barbosa